

28 May. 44 deu por est. Amigo. Redamei presidente e Amigo.  
o director, que em sua carta respondeu, informando-me por um  
subordinado que, se for de sua nome fizesse justiça e seriasse  
as suas cartas, e publicaria... Que mais seria para este

# Carta ao Sr. Presidente da Academia das Ciências

Ex.º Sr.

O facto de eu estar agora escrevendo esta carta não implica, de modo nenhum, que espere que V. Ex.ª lhe responda. Nem que a leia. Nem mesmo que delixe de continuar ignorando a minha existência. O *sim* e o *não* são aqui meras contingências que nada tem que ver com o facto essencial de que *tenho que escrever esta carta*.

Vou explicar porque. Eu não sou um leitor assíduo de V. Ex.ª. Há mesmo muitos anos que proposadamente desvio os olhos quando elles adregam de encontrar a sua prosa. Mas deu-se o caso de que um amigo me chamou a atenção para um artigo da autoria de Júlio Dantas e publicado no *Primeiro de Janeiro* de 14 do corrente. Li o artigo e o meu pasmo foi grande, como fóra já o d'esse amigo. Como eu intimamente me louvei pela abstinência de longos anos que me impusera em relação a prosa de V. Ex.ª! E enojo lamentei ter tido agora que ler esse artigo! E que, crescendo, com a leitura, o espanto, foi aumentando também, até ao nível do imperativo, a necessidade de escrever esta carta. Para V. Ex.ª? não, no fundo. Para algumas consciências que o artigo tivesse porventura igualmente magoado, para os passáros, para as árvores! eu sei lá! E aqui está como, logo da primeira vez que li o V. Ex.ª, depois de o ter evitado escrupulosamente por tanto tempo, tenho que lhe escrever. Diabo de vida esta!

Orá é o caso que, no citado artigo, V. Ex.ª, pela boca de alguns filósofos, proclama a *salência maciça e integral da ciência* (estava mesmo a fazer falta a *quele maciça*, não é verdade? não fosse algum ingénuo supor que se tratava duma falência *boa*) nas suas tentativas de explicação da vida, do universo e do homem, condena-a porque ella não pode oferecer ao homem nenhũa *luminosa revelação das verdades transcendentales*, afirma, enfim, que hoje *proclamamos a ruína da ciência quasi nos mesmos termos em que a proclamou Erasmo*.

Eu compreendo muito bem que V. Ex.ª não tenha nenhum amor especial pela Ciência Moderna e que ignore completamente quais os seus objectivos fundamentais, qual a essência dos seus métodos, qual o valor das suas afirmações.

umas e outras destas coisas só podem adquirir-se por um trato permanente com alguns dos seus ramos em qualquer das *officinas* em que se trabalha pela Ciência, na complexidade do mundo de hoje — o silêncio dum gabinete, a paz de um laboratório de investigação, este ou aquêle caminho da terra ou do céu, algumas avenidas da vida.

Só naquelles que passam a sua vida agarrados ao trabalho em alguma dessas *officinas*, como obreiros, gloriosos ou obscuros, no estudo atento dos seus problemas ou no paciente carrear de materiais para a descoberta duma relação nova ou para a correção de um erro antigo, só nesses é natural encontrar um tal amor e uma tal compreensão.

Nem como ser individual, nem como ser social, V. Ex.ª está nesse caso. Como ser individual, porque os seus caminhos teem sido outros. Como ser social porque V. Ex.ª fala, no seu artigo, como representante duma classe para a qual a Ciência já não tem interesses fundamentais. Uma classe

progressivamente esvaziada de significado humano, que faz ainda a civilização o favor de lhe reconhecer *a riqueza das idéias* e de ir gozando o conforto que essa riqueza proporciona. Mas que, no resto, baralha e confunde, vira as costas ás questões vivas e cria pseudo-problemas, recua, logo, põe sobre si e a realidade um blombo cada vez mais esfarrapado de construções verbais sem significado preciso — o que é, Sr. Presidente, a *luminosa revelação das verdades transcendentales*? — ataca a Ciência porque esta, corrigido erros passados, regeita o Absoluto, e, desse passo, baralhando, confundindo, misturando, proclama a sua pretendida falência e ruína.

Compreendo, portanto, o desapego de V. Ex.ª pela Ciência e a insuficiência que revela do conhecimento do seu valor e dos seus objectivos e métodos. Compreendo isso perfeitamente — é um sentimento do nosso tempo.

Si não entendo muito bem uma coisa — porque é que V. Ex.ª *(se não é, neste momento, já foi e está para ser) presidente da Academia das Ciências*. Que V. Ex.ª fôsse presidente da *Associação dos ignorantes da Ciência*, ou do *Sindicato dos inimigos da Ciência*, ou de qualquer sol-dó do género, percebjá, mas, *precisamente*, da Academia das Ciências!

Sabe, Sr. Presidente, há hoje, espalhada por esse mundo, uma categoria de homens de que não sei se tem conhecimento — são homens que dando, occasionalmente, uma boa gargalhada em face dum ridiculo ou duma *platinada*, não gostam, no entanto, de rir de coisas sérias; são homens que *adereem*, que *querem apaixonadamente* as coisas a que se dão, que teem o cepticismo como o maior dos males e que podendo, embora, por efeito dum juizo injusto, ser precipitados nos abismos infernaes, afastam de si aquêle destino miserável de que nos fala Dante no canto III do inferno — *«eis a sorte das almas desgraçadas daquelles que viveram sem vicio e sem virtude. Estão misturados com os anjos indignos que, no seu egoísmo não foram nem fiéis nem rebeldes a Deus... Estes espiritos não teem sequer a esperança da morte e o seu destino obscuro é de tal modo envidilado que teem inveja, até, duma sorte inuis terrível»*.

Para homens desses, a attude de V. Ex.ª, estranho a actividade científica, presidente da Academia das Ciências e deitando numa bela quinta-feira, por desenfado, em gesto desadonoso, uma bafurada de fumo de charuto caro sobre a Ciência, e daquelas de que elles não riem porque acham a situação demasiado séria. É trágica.

Para acabar, Sr. Presidente, um conselho — o seu artigo mostra que bem precisa d'elles.

Deixe em paz o Erasmo e renda graças aos seus deuses de que elle não possa voltar cá a este mundo para fazer uma nova edição do *Elogio da Loucura*. No tempo dele não havia Academias das Ciências e por isso não pôde conhecer o tipo do presidente da Academia das Ciências para quem a ciência é um desenfado de quinta-feira.

Lisboa, Dezembro de 1944.

BENTO DE JESUS CARAÇA

